

## LIVROS

# O humor e amor na poesia

Dois lançamentos trazem versos que discutem idéias

MIGUEL DE ALMEIDA  
São Paulo

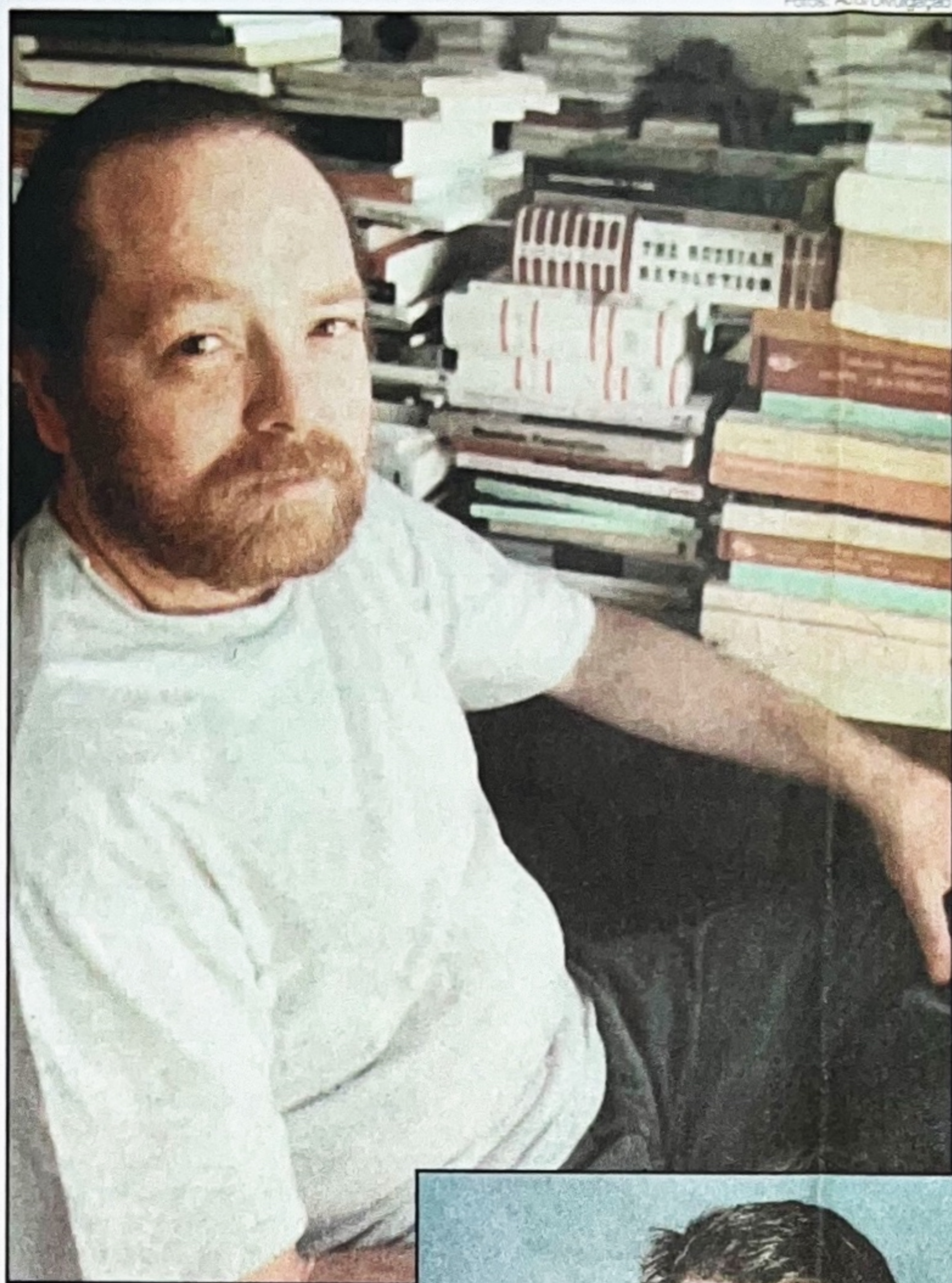
Ali pela década de 70, praças e praças cariocas foram invadidas pelo que se convencionou chamar, mais tarde, de poesia mimeógrafo. Funcionava à semelhança de uma guerrilha: pequenos livretos, ou mesmo folhas soltas, impressas de maneira rudimentar, traziam versos recheados de flagrantes urbanos e momentâneos insights da vida, da política e do comportamento. Em São Paulo, reunidos principalmente em torno do editor Massao Ohno, outros poetas se encontravam na mesma batida (de dessacralizar o fazer poético), embora tivessem outros tipos de referências e mesmo preocupações. Mas entre eles havia, em muitos dos trabalhos, uma similaridade, até ombros em comum. Os versos bebiam no que um dos inspiradores dessa insurgência não metrificada, Oswald de Andrade, batizara, na efervescência do Modernismo, de amor/humor.

Sem entrar em muitos conceitos, significa a poesia não arraigada na camisa-de-força da falsa seriedade, estruturada em estrofes matematizadas, na obrigação da rima e na idéia de que somente grandes assuntos, os tais temas candentes, apenas eles merecem o tratamento em versos. A sisudez, o terno e gravata — no caso, a casaca e a cartola —, o laudatório, o ufanista, a versão oficial, o empolado, entre outros melindres, eram todos rejeitados, até ironizados pelo também chamado poema minuto oswaldiano.

Os autores surgidos na década de 70 aprofundaram, na verdade radicalizaram, a postura de dessacralização e de desmistificação do fazimento poético. Seus versos aproximaram a poesia de temas mais cotidianos, ao menos não tão pedantes, a partir de uma linguagem cifrada e cinética. E muito referencial, recheada ainda de citações e fraseados emprestados à fala corriqueira das ruas.

Os anos 90 vão perceber a poesia brasileira num tatibitate extremamente racionalista, a forma pela forma, abraçada a um eco oco de formalismo excessivo. Foi quando pegaram de João Cabral de Melo Neto apenas as facas e não seu atormentado coração. A essa altura, vale dizer, o humor também havia sido banido a tiros pela militância crítica de má inspiração.

Dois novos lançamentos — “Parte Alguma” (poesia 1997-2004), de Nelson Ascher, e



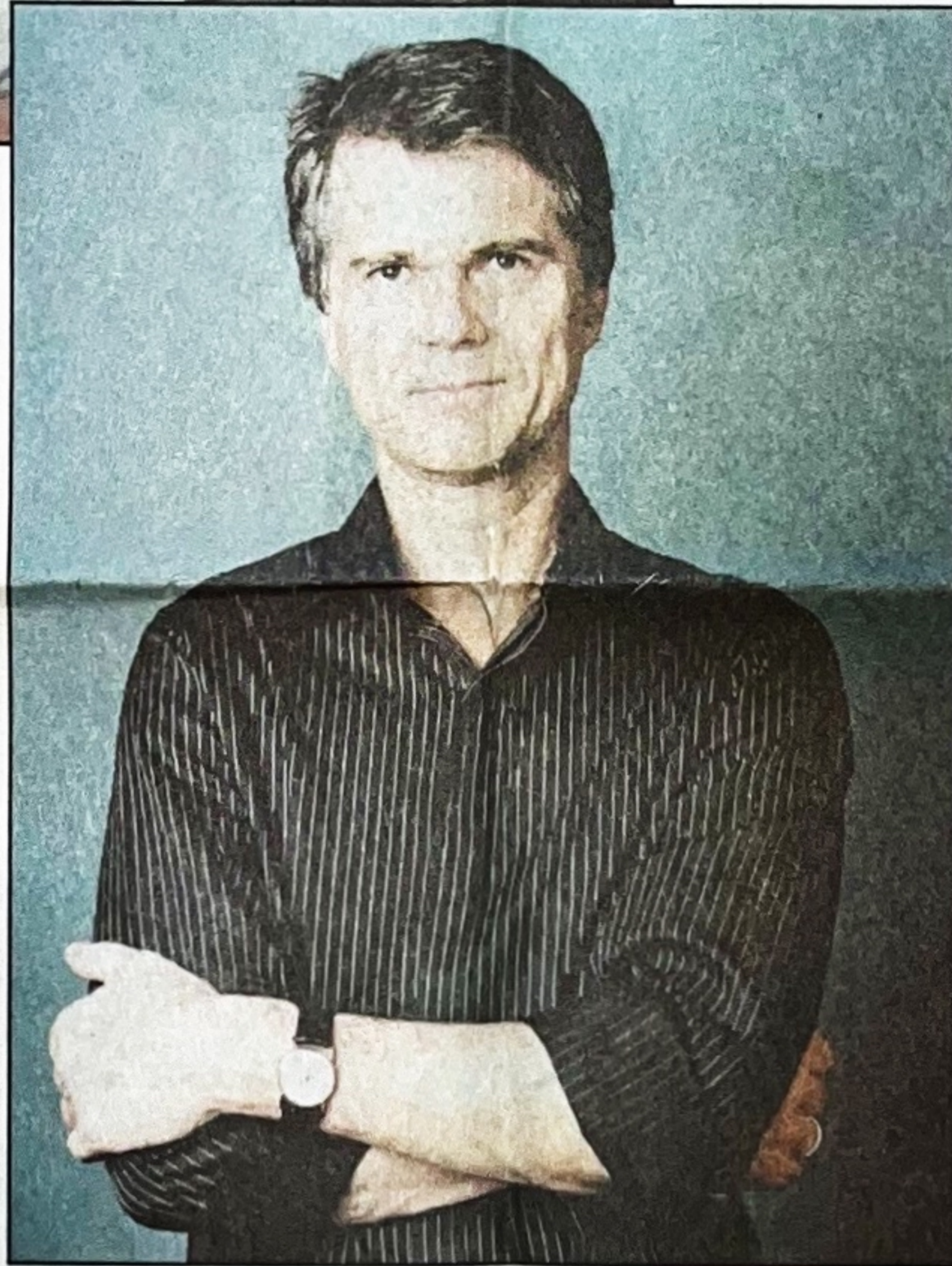
Fotos: A.B. Divulgação

Ao lado, Nelson Ascher, que usa o humor em seu novo livro como forma de explicitar o ridículo ou o banal das situações; abaixo, Rodolfo Witzig Gutilla e seu versos que incorporam Oswald, Drummond e Bandeira

Uns & Outros Poemas  
de Rodolfo Witzig Gutilla  
Landy Editora, 104 páginas,  
RS 25

“Uns e Outros Poemas” (1985-2005), de Rodolfo Witzig Gutilla —, de autores paulistanos, mostram como a poesia pode ser econômica, estruturada e ainda bem-humorada (a rima é involuntária). Os dois livros ressaltam suas ascendências, prestando suas homenagens e embaixadas, tratam de temas retirados ao cotidiano, porém com forte apelo a assuntos digamos graves, mas nem por isso cortam os pulsos (do leitor, inclusive) em versos de explícito desregramento.

“Parte Alguma”, de Nelson Ascher, pesa mais para humor como forma de explicitar o ridículo ou o banal das situações. Mesmo estruturado em estrofes de quatro versos, com uma exigente simétrica, com rimas internas às vezes preciosas, sempre dentro de um cadenciado ritmo, a obra de Ascher quase nunca se furta a dourar o humor em forma de realce, eclipsando as situações. São referências a episódios, a acontecimentos, à linguagem ou



ao deboche da própria poesia: é um contentamento é dor que desatina, ou seja, o inoxidável oximoro do amor? Ou ainda: do que eles escreveram ou elas escreveram (e nada me garante

Parte Alguma  
de Nelson Ascher  
Companhia das Letras, 120 págs.,  
RS 29

que o tenha escrito bem) Uma outra, ainda: quanto mais eu, que vi

(digamos) tudo, vejo, mais vejo que uma imagem vale por mil palavras

Em uma das seções do livro, batizada justamente de “limericks, epigramas e epítáfio”, o trabalho de Ascher se mostra mais ainda recorrente ao humor como forma de realçar o eclipse das situações. É quando escreve:

embora um homem de visão fale com tato,  
quem tem olhos e ouvidos segue seu nariz

atê cegos, que vêm da treva e à treva

regressam, vêm, sem experiência prévia,

que deste mundo aqui nada se eleva

E ele mesmo fornece um fecho:

dizer o quê se, em vez de endireitar o torto falando acaba no ortopedista quem o fez?

Já a poesia de Rodolfo Gutilla, em “Uns e Outros Poemas”, também recorre ao humor, porém num diapasão sintonizado com outras harmonias. Com versos mais soltos, também mais longos, nem sempre em estrofes, preferindo as estruturas brancas, seu trabalho incorpora não apenas o Oswald de Andrade galhofeiro, mas o Drummond romântico e o Manuel Bandeira iconoclasta, irônico. Em outros momentos, apela à tradição dos haicais para contemplar seu humor e crítica.

O interessante em sua poesia é como dosa os sentimentos — o seu amor/humor acrescido de metafísica — e joga com as imagens e as idéias:

dentro de mim passa um rio barrento escuro e frio

& passa e rompe com brio vasos veias e fios

Ou: creia é fofoqueiro e não universal quem fala da aldeia

Ou, ainda: poema não se faz antes ou após poema se faz durante

Os dois autores, embora em diapasões particulares e digitais, restabelecem o humor e a temática cotidiana como régua e compasso para confeccionar uma poesia que utiliza as idéias como ferramenta de reflexão e dúvida.

## ESTANTE

alorenco@gazetamercantil.com.br

Contos Completos —  
Virginia Woolf  
organização de Susan Dick  
Cosac Naify,  
472 págs., RS

49 — A obra inicia uma coleção dedicada a damas da Literatura. São volumes em capa dura, com apêndice que inclui informações sobre os contos, fotos e biografia.

Adeus, Velho  
de Antônio Torres

Record, 240 págs., RS 29,90

Um dos nomes mais importantes da literatura nacional contemporânea, o autor adota as transformações do Brasil como tema deste romance, protagonizado por mulher interiorana que tenta a vida na cidade grande.

Quem Conterá as Pequenas Histórias  
de Leticia Mey e Euda Alvim  
Globo, 320

págs., RS 42 — Poeta, empresário, político e ghost writer preferido de Juscelino Kubitschek, Augusto Frederico Schmidt é o personagem principal desta biografia romaneada.

Profanação  
de Ruy Fabiano

A Girafa, 256 págs., RS 31

Jornalista político, o autor usa a experiência para revelar, em seu primeiro romance, duas faces de Brasília. Ao misturar personagens reais e fictícios, mostra uma cidade voltada para a política e o esoterismo.

Diálogo com a Cidade  
de Claudio Cardeal Hummes

Paulus, 408 págs., RS 35

Um dos cardeais votantes no Conclave para escolher o sucessor do Papa João Paulo II, dom Claudio escreve há sete anos para “O Estado de S. Paulo”. O livro reúne 110 artigos publicados nesse período.

Poder e Terrorismo  
de Noam Chomsky

Record, 210 págs., RS 28

Ativista político e um dos mais influentes linguistas da atualidade, o ensaísta reúne nesta obra palestras conferidas após o atentado de 11 de setembro, além de uma extensa entrevista inédita.

Operação Araguaia  
de Tais Moraes e Eumano Silva

Geração Editorial, 656 págs., RS 59

O livro revela arquivos até então secretos sobre a Guerrilha do Araguaia, escondidos pelos militares durante 30 anos. A obra é resultado de uma pesquisa de sete anos, e traz também depoimentos de sobreviventes do massacre.

Carlos Bratke —  
Arquitetura  
de Carlos Bratke

Companhia Editora Nacional, 144 págs., RS 28,50

A obra dá início à série “Assinaturas”, sobre profissões. Além de depoimentos e entrevistas, o livro apresenta fotos, reproduções de projetos, desenhos e quadros pintados por Bratke.

## CARTAS NA MESA

ARNALDO LORENÇATO

alorenco@gazetamercantil.com.br



Por favor, gostaria de saber mais sobre a história do sorvete e também se existem livros relacionados ao tema e publicados no Brasil, pois é muito difícil encontrar informações no Amapá.

Maria do Socorro Pereira Costa, Macapá, por e-mail

# Maravilha feita de gelo

Infelizmente, não existem livros publicados no Brasil que tratem somente da história do sorvete. Uma boa alternativa é consultar “Gelados — História de uma Doce e Fresca Tentação”, escrito por Isabel Mendes Braga e lançado em Portugal há dois anos pela Colares Editora. Rico em detalhes interessantes, “Licks, Sticks e Bricks — A World History of Ice Cream”, leva a assinatura de Pim Reinders

e foi publicado pela multinacional Unilever em 1999. Infelizmente, o livro não tem distribuição comercial. Também é possível encontrar informações em títulos lançados no Brasil que enfocam os hábitos alimentares no mundo, entre os quais “História da Alimentação”, de Massimo Montanari e Jean-Louis Flandrin (Estação Liberdade, São Paulo, 1996).

A socióloga britânica Reay



Divulgação

Versões cremosas e coloridas, servidas em cones crocantes

Tannahill ensina em “Food in History” (Stein and Day, Nova York, 1973) que a delícia gelada teria sido inventada pelos chineses há cerca de 3 mil anos. Portanto, é anterior às geladeiras e aos congeladores. O doce refrescante deve ter surgido durante o inverno, quando se apanhavam cristais de neve para misturá-los com mel e suco de frutas. Gregos e romanos tentaram reproduzi-lo, mas sem sucesso. Fo-

ram os árabes que mostraram aos europeus a melhor técnica para conseguir uma homogeneidade entre os ingredientes. Também coube aos sábios do Oriente Médio batizar a guloseima. Em árabe seria charáb e em turco, chorbêt. Há que se lembrar que só os brasileiros adotam o nome sorvete. Portugueses falam gelado e espanhóis, helado.

Uma grande mudança ocorreu no século XVI, quando o floren-

tino Bernardo Buontalenti criou um processo de refrigeração ao misturar água e salitre. Da Itália, em 1533 essa novidade teria seguido para a Corte francesa, no enxoval de Catarina de Médicis, que se casou com o príncipe, que se tornaria o rei Henrique II. Nessa época, o sorvete ainda era feito apenas com frutas. Só mais tarde se incorporaram ingredientes como ovos e leite.

No Brasil, o sorvete teria sido saboreado pela primeira vez em 1834. Foi preparado com barras de gelo trazidas pelo cargueiro americano Madagascar para o Rio de Janeiro. Artesãos italianos se encarregaram de fazer a transformação. A princípio, alguns cariocas estranharam o efeito gelado, que parecia queimar a boca, como descreve Gastão Cruis em “Aparência do Rio de Janeiro” (José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1949). Mas só alguns. A maioria aprovou como lembra o cronista Luís Edmundo em “Rio de Janeiro do Meu Tempo”. O sorvete é um sucesso no Brasil, em especial na temporada quente, entre os meses de setembro e março.